POVOS INDÍGENAS EM MINAS GERAIS

QUEM SÃO? ASPECTOS GERAIS

Atualmente vivem no Brasil mais de 800 mil indígenas, pertencentes a aproximadamente 305 povos, falando 274 línguas.

Em Minas Gerais há mais de vinte etnias indígenas, dentre elas: Maxakali, Xakriabá, Krenak, Aranã, Mukuriñ, Pataxó, Pataxó hã-hã-hãe, Catu-Awá-Arachás, Kaxixó, Puris, Xukuru-Kariri, Tuxá, Kiriri, Canoeiros, Kamakã-Mongoió, Karajá, Kambiwá, Tikuna, Borum-Kren, Makuni, Guarani e Pankararu.

As etnias que vivem atualmente no Estado de Minas Gerais são pertencentes aos troncos lingüísticos Macro-Jê e Tupi-Guarani (Guarani) e contam aproximadamente com vinte mil indivíduos. Há uma grande população de indígenas que vivem nos centros urbanos. Estima-se que na região metropolitana de Belo Horizonte tenha de sete a dez mil indígenas. O número de etnias também não é estático, sendo o processo de etnogênese e de migrações muito dinâmico. Lamentavelmente, não houve senso do IBGE em 2020, por isto, os dados e números são aproximados.

Nos centros urbanos como Belo Horizonte e Uberlândia, vivem ainda famílias de outras etnias, oriundas de várias regiões do Brasil, como de outros países, como os Warao da Venezuela e Quechua do Peru.

O povo indígena conhecido hoje como Krenak, habitante das margens do Rio Doce, município de Resplendor, na região Leste de Minas Gerais, formou-se ao longo de um processo histórico marcado pelo caráter violento da expansão econômica sobre aquela região, originalmente de densa mata atlântica, onde diversos grupos de 'Botocudos' – resistindo à colonização em outras zonas já 'conquistadas' pelos brancos – se abrigaram até meados do Século XX.

Os Botocudos – nome com o qual os portugueses pejorativamente os designavam, em referência aos adornos usados nas orelhas e nos lábios – ou Borum – termo que significa 'gente', em língua indígena, e que segundo o qual os Krenak designam hoje a si e aos demais índios, em oposição aos Kraí, os não-índios – eram falantes de uma mesma língua, apesar das significativas variações dialetais que serviam para demarcar diferenças entre os diversos grupos nos quais se compunham.

O grupo liderado por Krenak foi o último a negociar com as autoridades governamentais seu processo de 'pacificação' e 'civilização', ocorrido logo no início dos trabalhos do recém-inaugurado Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais, em 1911.

Hoje os Krenak sofrem com a situação de seu território tradicional que além de ser diminuto, onde não comporta a população de uma forma saudável, ainda tem as pressões e violações dos empreendimentos e da sociedade externa que impactaram o Watu, com a construção da UHE de Aimorés e o crime do rompimento da barragem das

empresas Samarco/Vale/BHP BIllinton. A comunidade ainda sofre com a demora da demarcação do território tradicional que envolve o Parque Estadual dos Sete Salões, território histórico Krenak.

O povo Aranã também tem sua origem na história dos Botocudos. Distinguiam-se, no entanto, politicamente, de outros grupos Botocudos, mantendo inclusive uma pequena variação dialetal, significativa da distância que mantinham estrategicamente, como forma de reafirmarem sua diferença dos demais. Os Aranã foram aldeados pelos missionários capuchinhos em 1873, no Aldeamento Central Nossa Senhora da Conceição do Rio Doce, onde grassaram epidemias que dizimaram a população. Alguns sobreviventes migraram para o Aldeamento de Itambacuri, de onde saíram os ancestrais dos Aranãs de hoje, para o trabalho em fazendas na região do Vale do Jequitinhonha. Hoje os Aranã se dividem em dois grupos, os Aranã Caboclo e os Aranã Índio, que lutam para que o(s) território(s) sejam identificados e homologados. A população vive hoje em Araçuaí, Coronel Murta e região metropolitana de Belo Horizonte.

Fixados nos municípios de Martinho Campos (fazenda Criciúma) e Pompéu (fazenda São José) – região centro-oeste mineira (aproximadamente 206 km de Belo Horizonte) - os Kaxixó somam cerca de 100 indivíduos na comunidade do Capão do Zezinho, área rural que concentra o maior contingente populacional Kaxixó. Foi a comunidade do Capão do Zezinho, localizada às margens do rio Pará, que deu início à luta Kaxixó pelo reconhecimento étnico oficial. Os Kaxixó viveram o processo da etnogêneses, pois ficaram durante dezenas de anos vivendo da invisibilidade étnica para se esquivarem do pré-conceito e da violência. Hoje, o território tradicional Kaxixó já foi identificado e publicado pela FUNAI, mas o processo da homologação da terra ainda é muito moroso.

Situados no nordeste de Minas Gerais, entre os vales do Mucuri e do Jequitinhonha, os Maxakali são habitualmente descritos pela literatura referente à etnia e pelos organismos governamentais ou não governamentais que atuam junto a eles a partir de uma dupla perspectiva: Por um lado, enfatiza-se a sua "resistência cultural" – a permanência da sua língua própria e o uso restrito do português apenas para as situações do contato interétnico; a intensa vida ritual e a recusa a se inserirem na lógica da produção capitalista – a despeito dos seus mais de duzentos anos de contato; e por outro, se lhes percebe como um "grupo problema", devido ao alto grau de conflito e violência internos, ao alcoolismo e ás precárias condições alimentares e de saúde. Por "preservar" sua língua e tradições "originais", os Maxakali tendem a ser percebidos como símbolo de resistência indígena em Minas Gerais e região. Eles se denominam como Tikum'Um, que em uma tradução literal significa " Nós, os humanos". Na verdade, embora suas características e sua atual inserção no contexto dos demais povos indígenas da região sejam de fato excepcionais, ao contrário de outros segmentos indígenas que passaram por intensos processos de subjugação à autoridade colonial a partir do início do século XIX, e cujos descendentes atuais são resultantes de processos de transferências e amalgamentos compulsórios de segmentos étnicos e linguísticos em geral originalmente muito diversos, como, tipicamente, seus vizinhos e "parentes" Pataxó atuais, os atuais Maxakali descendem de apenas dois bandos desta etnia originalmente contatados em áreas próximas à que ainda hoje se localizam.

Atualmente os Maxakali vivem em quatro áreas, as aldeias de Água Boa, município de Santa Helena de Minas; Pradinho e Cachoeira, no município de Bertópolis; aldeia Verde, no município de Ladainha e no distrito de Topázio, no município de Teófilo Otoni. Os grupos têm uma prática de migrações sazonais que passam pelo grande território tradicional que vai do médio Jequitinhonha, nas regiões de Araçuaí, até o Sul da Bahia, em Porto Seguro.

Há uma violência física e simbólica sistêmica em toda a região contra os indígenas Maxakali. Desde assassinatos, estelionato no comércio, entre outros. A demanda territorial dos Maxakali urge, além da recuperação ambiental dos territórios, que foram destruídos por atividades agropastoris.

As etnias Pataxó, Pataxó hã-hã-hãe, Kamakã, Xukuru-Kariri, Tuxá, Kiriri e Pankararu são oriundas de estados do nordeste.

Originários de Pernambuco, os Pankararu se espalharam por vários estados brasileiros ao longo do século XX. Este êxodo se deu devido à construção da hidrelétrica de Itaparica no Rio São Francisco, à seca, aos conflitos oriundos da luta pela terra e a inúmeras outras agressões. O grupo familiar de 'Seu' Eugênio Cardoso da Silva e Benvinda Vieira migrou desta região em busca de melhores condições de vida para seus filhos, tendo durante quase 30 anos convivido com outros povos, como: Krahô, Xerente, Karajá e os Pataxó de Minas Gerais. Hoje vivem em duas áreas no médio Jequitinhonha: Aldeia Apukaré em Coronel Murta e na Aldeia Cinta Vermelha Jundiba, em Araçuaí, juntamente com os Pataxó.

O Povo Pataxó, originário do Sul da Bahia, ocupa a Fazenda Guarani, no município de Carmésia, desde a década de 1970, totalizando aproximadamente 400 pessoas. Há outros grupos que vivem no município de Itapecerica na Aldeia Muã Mimatxi; no Município de Açucena, na Aldeia Geru Tucunã; no Município de Guanhães, na Aldeia Mirueira e outro grupo no Município de Araçuaí, na aldeia Jundiba Cinta Vermelha, juntamente com a etnia Pankararu.

Conhecidos pelo seu semi-nomadismo, a chegada dos Pataxó em Minas é consequência de dois fatos históricos importantes: o primeiro o famoso 'Fogo de 51', caracterizado pela ação violenta da polícia baiana que desarticulou sua aldeia, dispersando o Povo Pataxó na região de Porto Seguro; e o segundo a transformação de 22.500 hectares de seu território em parque nacional – o Parque Nacional do Monte Pascoal, criado em 1943 e oficialmente demarcado no ano de 1961 – reduzindo nessa extensão o seu território tradicional.

A população de Pataxó também é grande nas regiões urbanas de Minas Gerais. Em Belo Horizonte, a presença Pataxó é muito grande e organizada. No Município de Governador Valadares há um grupo de aproximadamente vinte pessoas que vivem no distrito de Pontal.

Na Terra Indígena Fazenda Guarani, no município de Carmésia, são constituídas três aldeias: Aldeia Sede, Aldeia Encontro das Águas, Kanã Mihay e Aldeia Imbiruçu.

As Aldeias Geru Tucunã e Mirueira vivem um conflito com o Estado de Minas Gerais por estarem sobrepostas a duas unidades de conservação – O Parque Estadual de Rio Correntes e o Parque Estadual da Serra da Candonga respectivamente – ambos os parques só existem no papel e estão sendo destruídos por posseiros e ameaçados por interesses minerários. Há propostas de mudanças de categoria das unidades de conservações para que os indígenas possam regularizar a presença no território e continuar a exercer o uso sustentável e proteção do local, diferente dos posseiros, que destroem as áreas através das práticas degradadoras e agropastoris.

O Povo Xukuru-Kariri é oriundo do município de Palmeira dos Índios, em Alagoas. Após muitos conflitos de terra e mortes de indígenas, algumas famílias se mudaram para Ibotirama e depois para Glória, na Bahia. Também fugindo de conflitos nessas localidades, alguns integrantes deste grupo, vieram, em 1998, para Minas Gerais. Ainda em 1998, os Xukuru-Kariri solicitaram à Funai a compra de uma terra para o grupo em MG. Atualmente o grupo vive no município de Caldas, na região sul do Estado em uma terra cedida por cessão pela União e no Município de Presidente Olegário, região noroeste de Minas Gerais, em uma terra também cedida pelo SPU. Algumas famílias Xucuru-Kariri estão em uma Retomada, na fazenda Brumas, no município de Brumadinho, desde o início do ano de 2022. Desde então vem desenvolvendo atividades e projetos de recuperação ambiental e de agrofloresta no território denominado Aldeia Arapowã Kakyá, produzindo um belíssimo artesanato.

Os Kiriri vieram da Bahia, do Município de Moquém do São Francisco na Bahia, em decorrência da busca de melhoria de vida, visto que o seu território não comporta a população indígena e as condições climáticas na região estão cada vez mais extremas. Hoje ocupam um terreno do estado de Minas Gerais na cidade de Caldas. A terra que pertencia ao Governo do Estado de Minas Gerais foi repassada ao uso dos Kiriri mediante um Projeto de Lei da Dep. Estadual Andréia de Jesus, mediante a uma permuta de outra terra que pertencia ao Governo Federal.

Os Tuxá são oriundos de Rodelas na Bahia. Vieram para Minas Gerais na década de setenta, quando alguns indígenas trabalhavam na navegação do Rio São Francisco. Primeiramente ficaram em Pirapora, até ocuparem uma fazenda do estado de Minas Gerais no Município de Buritizeiro, na margem esquerda do Rio São Francisco.

Os índios conhecidos sob o etnônimo englobante Pataxó Hãhãhãe abarcam, hoje, as etnias Baenã, Pataxó Hãhãhãe, Kamakã, Tupinambá, Kariri-Sapuyá e Gueren, habitantes da região sul da Bahia. Hoje um pequeno grupo vive no município de Bertópolis, Minas Gerais. Na região metropolitana de Belo Horizonte há diversas famílias que vivem na cidade e em algumas ocupações na região metropolitana.

Os Mokuriñ pertencem ao grande grupo dos povos chamados “Botocudos”, aldeados em Itambacuri desde o século XIX pelos frades capuchinhos Frei Serafim de Gorízia e Frei Ângelo de Sassoferato. Os Mokuriñ vivem no município de Campanário. Os indígenas reivindicam a demarcação de seu território tradicional, hoje eles vivem em um território diminuto e insustentável. Há um Grupo de Trabalho constituído na FUNAI que tem como objetivo identificar e redefinir o seu território tradicional.

Antigos habitantes do Vale do São Francisco, os Xacriabá vivem no município de São João das Missões, Norte de Minas Gerais, a 720 Km de Belo Horizonte. Seu processo de contato com os não-índios não difere do ocorrido com os demais povos indígenas, em toda a sua história, sendo marcada por lutas e derramamento de sangue, o Bandeirante Matias Cardoso foi um grande algoz dos povos indígenas da região do Vale do São Francisco. Após o ano de 1728, depois de receberem título de posse de suas terras por terem apoiado o Estado na guerra com os Caiapó, viveram em relativa paz, convivendo com camponeses vindos da Bahia e de outras regiões de Minas Gerais em seus territórios e arredores, em que plantavam roças de subsistência. A partir de 1969, o desenvolvimento de projetos agrícolas na região atraiu fortes grupos empresariais e grandes fazendeiros das cidades vizinhas, acentuando-se a invasão das terras dos Xakriabá . Nos anos 1980, a tensão aumenta de forma insuportável, culminando no assassinato de grandes líderes indígenas. O Cacique Rosalino se tornou um grande mártir e símbolo da luta e da resistência do Povo Xakriabá.

A comunidade possui mais de dez mil indígenas, sendo uma das maiores populações étnicas do Brasil. Hoje são aproximadamente quarenta aldeias em 53.085 hectares e há um processo de revisão do território que irá ampliar a TI Xakriabá, retomando o acesso e o uso de locais tradicionais.

Os Xakriabá são muito organizados politicamente, tendo um cacique geral e diversas lideranças locais. Hoje eles estão no quarto mandato indígena consecutivo da cidade de São João das Missões.

O povo indígena Catú-awa-arachás encontra-se em Araxá, Minas Gerais, devidamente organizado na Associação Andaiá. Famílias Borum-Kren se encontram em Santo Antônio do Leite, cujas memórias os relacionam à região do Bocaina, município de Ouro Preto. Os Puris, por sua vez, estão se organizando no município de Araponga, Piau e Viçosa na região da Mata e na cidade de Barbacena.

Na região metropolitana de Belo Horizonte vivem diversas famílias de grupos étnicos distintos, de Minas Gerais e de outros estados, sobretudo da Bahia. Há grupos familiares de Aranãs, Xakriabás, Kaxixós, Karajás, Guaranis, Pataxós, Kamakã e Pataxós hã-hã-hãe, entre outros. Uberlândia também contabiliza uma grande quantidade de indígenas em sua malha urbana.

Estes grupos migraram para o centro urbano em busca de uma qualidade de vida melhor, já que muitos perderam o território ao longo da história de ocupação das áreas indígenas no interior do país. Os grupos que vivem na cidade possuem direitos e devem se organizar para buscá-los e reivindica-los perante o Estado e a sociedade envolvente.

Há uma população fixa e outra sazonal de indígenas que estão na cidade para atendimento, tratamento de saúde e estudar, pois há vários indígenas cursando o curso FIEI/ Faculdade de Educação da UFMG para formação superior de professores indígenas ou em outros cursos, como também para vender artesanato.

Em Belo Horizonte, a presença de indígenas nas ocupações recentes dos Movimentos de Luta por Moradia é muito grande, principalmente das etnias Aranã, Pataxó e Pataxó Ha-ha-hãe.

No dia 01 do mês de janeiro de 2017, indígenas da etnia Kamakã, subgrupo Pataxó Hã-hã-hãe, apoiadas pela Associação dos Povos Indígenas de Belo Horizonte e Região Metropolitana (APIBHRM), e outras etnias como os Pataxó do extremo Sul da Bahia, ocuparam parte de uma das três fazendas da Fundação Educacional Caio Martins (FUCAM), denominada fazenda Santa Tereza, localizada no Município de Esmeraldas, na região metropolitana de Belo Horizonte. Indígenas que moravam na RMBH e possuíam uma série de problemas ligados à moradia, risco social, carência alimentar e dificuldade de acesso às políticas públicas, decidiram então ocupar esta fazenda depois que ficaram sabendo na própria Assembleia Legislativa de Minas Gerais (ALMG) da existência de terrenos e benfeitorias em situação de abandono e que já teria sido voltada no passado à formação agrícola de centenas de jovens e outras ações educativas. Indignados com o descaso e com a falta de diálogo junto ao poder público, os indígenas decidiram retomar essa terra do Estado. O nome Aldeia Kamakã Grayra, é em homenagem a Jacinta Grayra, ancestral que falava a língua Kamakã. Interessante ainda notar o processo de reafirmação étnica pelo qual passam estas famílias indígenas em Esmeraldas, em busca de sua história ancestral que é Kamakã-Mongoió, uma das seis etnias que compõe o Povo Pataxó Hãhãhãe, na Bahia. A história dos Kamakã se relaciona à Terra Indígena Caramuru Catarina Paraguaçu, no Município de Pau Brasil, no Sul da Bahia. A migração se fez necessária em decorrência de diversos conflitos de terra na região, onde muitas lideranças e famílias indígenas foram expulsas por grileiros e fazendeiros locais de forma violenta. O tratamento de saúde também motivou algumas famílias a buscarem melhores condições de tratamento em Belo Horizonte. As famílias estão produzindo hortaliças, frutas e legumes em Esmeraldas; além de colher matéria prima para a confecção de artesanato e da produção de remédios. As famílias querem ficar no local onde se encontram e onde já estão adaptadas.

Há ainda famílias Kamakã nos municípios Contagem e em Ibirité. No ano de 2019, famílias Kamakã-Mongoió e Pataxó iniciaram uma Retomada no corrégo de Areias, no município de Brumadinho. Estão desde então desenvolvendo projetos de recuperação ambiental e socioculturais nesse território.

No mês de julho de 2017, indígenas das etnias Puri, Pataxó, Karajá e Kambiwa realizaram a ocupação em uma área possivelmente pertencente às indústrias (antiga MMX/EBX) do empresário Eike Batista, no Município de São Joaquim de Bicas – MG. A área consiste em um total de setecentos hectares aproximadamente as margens do Rio Paraopeba. Os indígenas estão ocupando aproximadamente 300 hectares, onde há uma grande área verde de Mata Atlântica e algumas manchas de cerrado. Segundo os indígenas a biodiversidade é grande no local, com a presença de muitos animais, alguns em perigo de extinção, como o Lobo Guará, o Bugio e a Jaguatirica, entre outros. O restante da área está ocupado pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terras. O MST está na área desde junho de 2017 e desde então, segundo os relatos, nunca houve qualquer tipo de contestação, a ocupação se chama Terra Livre. A ida dos indígenas para a região se deu a convite do próprio MST. A reivindicação dos indígenas por uma área na região metropolitana de Belo Horizonte já é antiga. Há uma grande presença de famílias indígenas na região metropolitana, vivendo em aglomerados e periferias, como já exposto.

A liderança do movimento é o Cacique Pataxó Arakuã Pataxó, escolhido pelos indígenas como representante do coletivo. Atualmente estão vivendo aproximadamente dez famílias Pataxó e Pataxó Hahahãe, sendo que famílias de outras etnias frequentam sazonalmente a ocupação. A Aldeia foi batizada como Naô Xohãn.

A área em que os indígenas estão ocupando e reivindicando fica entre o Rio Paraopeba e o final do acesso auxiliar da BR 381 no sentido Brumadinho. Na outra margem do rio já ficam os municípios Mário Campos e Brumadinho. O acesso de ônibus se dá pelo pontilhão Funil, bastante conhecido na região. A ocupação está bem próxima da entrada principal do Museu de arte contemporânea Inhotim. A região onde se encontram os municípios de São Joaquim de Bicas, Mário Campos e Brumadinho possuem muitas atividades mineradoras, comércio, assentamentos de reforma agrária, comunidades quilombolas e condomínios fechados.

As atividades minerárias na região são as que mais impactam o local, com a poluição e assoreamento do Rio Paraopeba e de nascentes próximas ao local. Há três grandes minerações no entorno da aldeia indígena.

Na data de 25 de janeiro, a barragem da Vale de rejeitos de minérios em Córrego do Feijão no Município de Brumadinho se rompe e atinge o Rio Paraopeba. O Rio que passa na Aldeia Naô Xohã e era utilizado pelos indígenas para pesca, banho e rituais foi severamente prejudicado, causando um enorme dano no território. Há o impacto econômico, onde a pesca fazia parte da alimentação das famílias, bem como, o simbólico, pois o rio também era utilizado para algumas práticas culturais, como a Festa das Águas.

Várias famílias que viviam na Aldeia foram morar em Belo Horizonte, nos bairros do Taquaril, Jardim Vitória e Vila São Pedro, outras permaneceram no local.

Desde Junho de 2021 famílias Pataxó Hã-hã-hãe se mudaram para a localidade conhecida como Mata do Japonês, no município São Joaquim de Bicas, após negociar a posse do terreno (parte comprada e parte doada) junto ao antigo proprietário, a Associação Mineira de Cultura Nipo-brasileira (AMCBN), onde se instalou a aldeia indígena denominada Katurama.

Os Puri, por sua vez, são originários da zona da Mata em Minas Gerais onde historicamente ocuparam e habitam a região. Há uma literatura grande sobre a presença destes povos em Minas Gerais e no Norte do Rio de Janeiro, sobretudo no século XIX. Hoje as famílias Puri se encontram especialmente nos municípios Araponga, Piau, Barbacena e em Aimorés, leste de MG.

Nome da Aldeia	Terra Indígena	Etnias	Localização	Número de Famílias
Aranã Caboclo/ Araçuaí	-	Aranã Caboclo	Araçuaí/MG	50
Aranã Índio/Araçuaí	-	Aranã Índio	Araçuaí/MG	22
Cinta Vermelha Jundiba	Aldeia Cinta Vermelha Jundiba	Pankararu e Pataxó	Araçuaí/MG	13
Apukaré	Aldeia Apukaré	Pankararu	Coronel Murta	02
(Guajajara)	-	Guajajara	Araçuaí/MG	01
Canoeiro	-	Canoeiro	Coronel Murta/MG	30
Mokurin	Aldeia Mokurin	Mokurin	Campanário/MG	19
Aldeia Verde	Aldeia Verde	Maxakali	Ladainha/MG	55
Hãm Kutok	Aldeia Hãm Kutok	Maxakali	Ladainha/MG	95
Cachoeirinha	Aldeia Cachoeirinha	Maxakali	Teófilo Otoni/MG	10
Pradinho	TI Maxakali	Maxakali	Bertópolis/MG	220
Água Boa	TI Maxakali	Maxakali	Santa Helena de Minas/MG	280
(Pataxó Hã Hã Hãe)	-	Pataxó Hã Hã Hãe	Bertópolis/MG	21
07 aldeias Krenak) – Watu, Atoran, Nakrehá, Naknenuk, krenak, Takruk e Borun Erehé	TI Krenak	Krenak	Resplendor/MG	152
04 aldeias Pataxó – Encontro das Águas, Sede, Imbiruçu e Kanã Mirray	TI Fazenda Guarani	Pataxó	Carmésia/MG	121
Geru Tucunã Pataxó	Aldeia geru Tucunã	Pataxó	Açucena/MG	19
Xukuru-Kariri R. Warkanã	Aldeia Xukuru-Kariri	Xukuru-Kariri	Presidente Olegário/MG	25

Kamakã Grayra	Aldeia Kamakã Graya	Pataxó Hã Hã Hãe	Esmeraldas/MG	13
Mirueira	Aldeia Mirueira	Pataxó	Guanhães/MG	07
Kiriri do Rio Verde	Aldeia Kiriri	Kiriri	Caldas/MG	19
Nahô Xohã	Aldeia Nahô Xohãn	Pataxó Hã Hã Hãe	São Joaquim de Bicas/MG	24
Katurama (Jardim Vitória)	-	Pataxó Hã Hã Hãe	Belo Horizonte/MG	21
(Taquaril)	-	Pataxó Hã Hã Hãe / Pataxó	Belo Horizonte/MG	12
(Céu Azul)	-	Warao	Belo Horizonte/MG	03
(Parque São Pedro)	-	Pataxó Hã Hã Hãe / Pataxó	Belo Horizonte/MG	14
(Uberlândia)	-	Warao	Uberlândia/MG	05
Muã Mimatxi	Aldeia Muã Mimatxi	Pataxó Hã Hã Hãe	Itapecerica/MG	12
Xukuru-Kariri	Aldeia Xukuru-Kariri	Xukuru-Kariri	Caldas/MG	41
Kaxixó	Aldeia kaxixó	Caxixó	Martinho Campos/MG e Pompéu/MG	36
(Pataxó Pontal)	-	Pataxó	Governador Valadares/MG	10
(Guarani)	-	Guarani	Governador Valadares/MG	02
Xakriabá – Brejo Mata Fome, Prata, Caatinguinha, Imbaúba, Rancharia, Sumaré, Sumaré I, Sumaré II, Peruaçu, Sumaré III, Barreiro Preto, Itapecuru,	T I Xakriabá	Xakriabá	São João das Missões/MG e Itacarambi/MG	2.897

Morro Vermelho, Riachinho, Pindaíba, Riacho dos Buritis, Forges, Itacarambizinho, Olho Dágua do Buriti, Pedrinhas, Lagoinha, Dizimeiro, Riacho Comprido, Sapé, Poção, São Domingos, Veredinha, Custódio, Santa Cruz, Boqueirão, Várzea Grande, Caraíbas, Ilha do Capão, Pedra Redonda, Morro Falhado, Riacho do Brejo, São Bernardo, Terra Preta, Brejinho, Remanso e Imbaúba				
Tuxá	Tuxá Setsor Bragagá	Tuxá	Buritizeiro/MG	21
Puri	-	Puri	Pirapora/MG	01
Tupinikim e Guarani – Pau Brasil, Comboios, Boa Esperança, Caieiras Velha, Irajá, Córrego do Ouro, Três Palmeiras, Piraque-Açu,	TI Tupinikim	Guarani e Tupinikim	Aracruz/ES	1.445

Amarelo e Olhos Dágua				
Chapada do Á	-	Tupinikim	Anchieta/ES	-
(Caparaó)	-	Guarani	Caparaó/ES – Dores do Rio Preto-ES	-
Puri	-	Puri	Aimorés	-
Puri	Touros e Boné	Puri	Araponga	15
Puri	Distrito Padre Brito	Puri	Barbacena	25
Puri	-	Puri	Piau	3
(Uberlândia)	-	Etnias diversas	Uberlândia	
(Belo Horizonte)	-	Karajá	Belo Horizonte	
(Belo Horizonte)	-	Guarani	Belo Horizonte	
(Belo Horizonte)	-	Etnias diversas		
Catu Awa Arachá	-	Catú Awa Arachá	Araxá	
Kamakã-Mongoió	Kamakã-Mongoió	Kamakã-Mongoió; Pataxó Hã-Hã-Hãe; Kiriri-Sapuiá	Córrego de Areias Município: Brumadinho	15
Arapowã-Kakyá	Xucuru-Kariri	Xucuru-Kariri	Fazenda Brumas Município: Brumadinho	14
Borum-Kren	Santo Antônio do Leite/Bocaina	Borum-Kren	Santo Antônio do Leite Município: Ouro Preto	
Katurama	Katurama	Pataxó Hã-Hã-Hãe	Mata do Japonês Município:	

			São Joaquim de Bicas	
Makuni		Makuni Krakmun	Município: Jequitinhonha	

*Por Pablo Matos Camargo e Alenice Baeta – associados do Cedefes